

O Garoto de Plástico | Matheus Oliveira Ponte Gonçalves

Muito tempo atrás, depois de um longo período de tempestade, o primeiro raio de sol aparecera, tão suave quanto uma pomba pairando no ar anunciando alívio.

Assim nascera o garoto, vestido com o manto do perfeccionismo, aquecendo e confortando todas as perspectivas, suprimindo todas as expectativas. Tal como uma rosa dos ventos, satisfazendo os olhares vindos de todas as direções.

O garoto crescera, como uma avalanche que se dissolvia na neve, antes de causar qualquer desastre, repreendendo suas pulsões, renegando-as pela negação que pudera advir do luto estampado nas pupilas daqueles que o idealizaram.

Assim, o garoto agarrou-se ao ideal e tornou-se exemplar, um receptáculo, alimentado por aplausos, enquanto tecia sua performance sutilmente angelical sobrecarregada de sorrisos e demasiados gestos de educação.

Foram anos de ouro, se erguendo ao pódio e exibindo a medalha de inteligência, sobressaindo-se perante os demais com suas belas palavras.

Tudo fora como um grande jogo de xadrez, controlado pelo jogador nato, que articulava as peças para ganhar a partida, sendo a peça determinante, que aponta o alvo a ser derrubado.

Ele encontrara doçura e firmeza em uma vida íntegra e inteiramente artificial. Assim, tal como plástico, o garoto tornou-se moldável e descartável.

E com o tempo, o manto, antes límpido, passara a escurecer com a poluição avassaladora do mundo e rasgara por completo, revelando o garoto de plástico, haurindo a dopamina advinda dos olhares que lhe acompanhavam ao pódio mais uma vez.